

Chico Diaz brilha com atuação em 'O Homem Onça'

PÁGINA 2



Luã Yvys divide o palco com a mãe Elba Ramalho

PÁGINA 3



'Gente de Bem' expõe a classe média racista

PÁGINA 6



2º CADERNO

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

A data já está marcada: no dia 4 de dezembro, Quentin Jerome Tarantino vai tomar de assalto livrarias de todo o país com o lançamento, via Intrínseca, de "Especulações Cinematográficas". É um ensaio histórico do diretor de "Django Livre" (Oscar de Melhor Roteiro Original de 2013) analisando filmes norte-americanos da década de 1970, incluindo joias pouco citadas como "A Outra Face da Violência" (1977), de John Flynn, um de seus xodós. Traduzido por André Czarnobai, esta cartografia afetiva em forma de literatura documental estabelece os pilares da formação do realizador, que completou 60 anos em março e ministrou uma aula magna na Quinzena de Cineastas de Cannes, em maio.

Quando concorreu à Palma de Ouro com o por vezes esquecido "À Prova de Morte" (2007), um dos segmentos do projeto "Grindhouse" (exibido em dobradinha com "Planeta Terror", de Robert Rodriguez), Tarantino foi visitar a Quinzena de Cineastas de Cannes. A ideia dele era acompanhar a projeção da cópia restaurada do outrora maldito "Parceiros na Noite" (1980), de William Friedkin. Ria de se acabar na poltrona, ao ver a versão estereotipada que o longa-metragem (com fama de maldito) trazia da cartilha dos longas de psicopata. Foi em Cannes que ele fez sua fama, em 1994, ao abocanhar a Palma com "Pulp Fiction – Tempo de Violência". Concorreu novamente com "Bastardos Inglórios",



Fotos Divulgação

Quentin Tarantino vai tomar de assalto livrarias de todo o país com o lançamento de 'Especulações Cinematográficas'

Um Tarantino pra estante

Realizador mais influente no audiovisual contemporâneo desde os anos 1990, diretor promete virar best-seller no Brasil com 'Especulações Cinematográficas'

em 2009, comemorando a láurea de Melhor Ator, dada a Christoph Waltz, e voltou ao páreo em 2019, com "Era Uma Vez... em Hollywood". Antes, em 2004, ele exibiu "Kill Bill: Volume II" lá, em meio a

seus compromissos como presidente do júri.

Neste momento, ele prepara seu novo longa, "The Movie Critic", inspirado pela brilhante obra ensaística das resenhas de Pauline



Kael (1919-2001), com Paul Walter House. Mas não há nada dele a se encontrar nas páginas de "Especulações Cinematográficas". Nele, a cabeça pulsante por trás de "Cães de Aluguel" (1992) só fala do passado.

Por um soldo de US\$ 200 semanais, Tarantino passou o ano de 1985 batendo ponto na Video Archives, uma locadora de Manhattan Beach, Califórnia, onde fez amigos, reais e imaginários, devorando o acervo local, sobretudo o faroeste "Rio Bravo" (aqui "Onde começa o Inferno"), de 1959. É do VHS que vem a depuração de sua cultura cinematográfica, reforçada com o DVD, que chega ao convívio dos cinéfilos num momento em que ele já é um diretor de respeito, com "Jackie Brown" (1997) no currículo.

Mas o universo das fitas rebobinadas do Video Home System foi essencial para ele. A partir do início da década de 1980 quando a tecnologia informática permitiu o advento dos retângulos analógicos do VHS, toda a memória filmica produzida no mundo, até aquele momento, encontrou um escoamento (e um veio de preservação) biblioteconômico, que nos permitiu acesso a cópias, por exemplo, de uma comédia de Harold Lloyd (1893-1971) feita em 1919.

O VHS alfabetizou uma linhagem de cinéfilos e reeducou o olhar dos mais velhos, criando, em ambos, uma percepção de que a realidade – do presente e do passado, sobretudo – é mediatizada: existe o passado real, concreto, e existe o passado que o cinema nos ensinou. Nossa ideia da Chicago dos gângsters não é a Chicago dos documentos, calcada em fatos: nossa Chicago é a de Brian De Palma em "Os Intocáveis". Ou seja... verdade dá lugar a simulacros. E simulacros produzem simulações da vida, uma meta-vida, onde imagem não é só um corredor que nos leva a experiências sensíveis: imagem é a experiência em si.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

É difícil não pensar em cults como “O Príncipe” (2002), de Ugo Giorgetti, e “O Bom Buguês” (1983), de Oswaldo Caldeira, diante das cenas mais catárticas de “Homem Onça”, que será exibido nesta quarta-feira, às 19h, no 12º Festival Internacional de Cinema Agroecológico. O longa chega à telona mais bonita do Rio de Janeiro endossado por elogios internacionais.

Lançado no Arthouse Asia Film Festival, em Calcutá, na Índia, em fevereiro, o terceiro longa-metragem de ficção de Vinicius Reis, revelado com o .doc “A Cobra Fumou” (2002) se impõe como uma precisa crônica sobre a era das privatizações, na segunda metade dos anos 1990. Ela passou ainda na seleção da mostra de Santiago Del Estero, na Argentina.

Sua angustiante narrativa fez barulho em Gramado, na mais popular das mostras competitivas de nosso audiovisual. Saiu de lá com um (merecido) Kikito de melhor atriz coadjuvante, dado a Bianca Byngton, por uma atuação em estado de graça em parceria com Chico Diaz – este, a alma do projeto, uma alma luminosa.

Diaz encarna a tragédia dos que acreditavam numa utopia de Brasil e foram traídos por interesses financeiros em meio a desgovernos do país, como se viu nos longas seminais de Giorgetti e Caldeira citados acima. Ao lado deles, o novo trabalho de Vinicius Reis se junta a uma tradição curta, mas cheia de som e de fúria, de ficções políticas brasileiras, que tem em “Terra em Transe” (1967) seu farol mais luminoso. Mas, assim como se pensa em títulos brasileiros do passado, pensa-se em Ken Loach, holofote vivo do marxismo no audiovisual.

Não se fala no termo “luta de classes” em “Homem Onça”, mas o assunto está lá, loachiano, à espreita... qual o felino do título, escolhido em referência a uma peculiaridade de Pedro (o



Chico Diaz encarna a tragédia dos que acreditavam numa utopia de Brasil

Rugido político

‘Homem Onça’, drama político de Vinicius Reis que recria com espanto a Era das Privatizações, tem sessão nesta quarta no Odeon no Festival de Cinema Agroecológico

papel de Diaz), em sua infância no interior, em meio ao verde. Da mesma forma que o Bom Selvagem de Rousseau, Pedro fez da Natureza o analgésico (físico e moral) para a moléstia da desatenção que castiga o mundo de concreto armado à

nossa volta. Um mundo que se mostra claustrofóbico em 1997, em meio a um processo em que se privatizam empresas públicas. Entre elas está a Gás do Brasil, onde Pedro gerencia uma área de projetos ambientais. Área que vai passar pela foice chama-

da downsizing. Pescoços rolam em prol de um enxugamento monetário, desumanizando um ambiente profissional onde amizades descambam para a hostilidade. Amigos de outrora, como Dantas (Emílio de Mello, impecável), vão trombar com a atitude de Pedro, que se vê atônito diante das exigências de seus patrões, dando a seus colegas uma metonímia de desastre: “Passa no RH”. O pé de café em seu escritório é um souvenir de um tempo em que as hordas bárbaras do neoliberalismo ainda não haviam conspurcado seu Éden de amizades.

Reis é mestre em retratar traumas de perdas súbitas na vertente ficcionista de seu cinema. É o que se vê no estonteante “Praça Saens Pena” (2009) – também com Chico - e em “Noite de Reis” (2012), que rendeu o troféu Candango de melhor ator a Enrique Diaz. Em ambos, a harmonia entre grupos é subitamente trovejada pelo inusitado. Sempre atento aos

conflitos de classe, o realizador passa pela linhagem do já citado cinema marxista conversando com o Loach de “Você Não Estava Aqui” (2019) e com a estética antiliberalista de Stéphane Brizé (“Em Guerra”) mas não fica nele. É de sua natureza valorizar mais a dimensão existencialista do que a verve sociológica. O problema de Pedro não está no bolso e, sim, no peito. Um peito congestionado diante das bestialidades do sistema. Vemos essa congestão pelos olhos trágicos de duas mulheres: sua primeira esposa, Sônia (Sílvia Buarque, em sua mais inspirada atuação), e Lola (Byngton), figura de exuberância afetiva com quem ele vai viver numa casinha no mato.

O gradual adoecimento (ou melhor, “enojamento”) de Pedro arranca de Diaz um desempenho magistral, num longa que se destaca ainda pela engenharia de som de Waldir Xavier. De seu lado documental, Reis trouxe um cuidado em nunca tratar o real com desmesura formal.

Luã Yvys mostra suas canções

Elba Ramalho, mãe do cantor, fará participação especial no show desta quarta no Manouche

Luã Yvys, cantor, compositor, músico e produtor musical, tem o DNA da música brasileira no sangue e vai mostrá-lo no show que o LAB Manouche apresenta nesta quarta-feira (22), às 21h. Filho da cantora e compositora Elba Ramalho e do ator e cantor Maurício Mattar, Luã terá a mãe como convidada especial dividindo com ele o palco.

Com 36 anos, Luã já tem estrada. Aos 21 anos decidiu es-

tudar música fora do país onde se formou em produção musical na Berklee College of Music em Boston, nos EUA. Em 2014 produziu, junto a Yuri Queiroga, o álbum "Do Meu Olhar Pra Fora" de Elba Ramalho e nos anos seguintes continuou produzindo outros artistas independentes. Em 2019 lançou seu primeiro álbum autoral e independente "Essenímico" onde compôs, produziu e arranjou todas as músicas.

Neste show, o artista vai res-

Marina Íris canta legado da 'Madrinha'

Beth Carvalho é a homenageada da 6ª edição do projeto Sambabook com show no Blue Note Rio

A cantora Marina Íris, a Banda da Madrinha e artistas convidados celebram a vida e obra de Beth Carvalho nesta quarta-feira, às 21h, no Blue Note Rio, em Copacabana. A apresentação é mais um idealização do Sambabook, multiplataforma (física e digital) de homenagem ao samba do Brasil.

Expoente do samba carioca, cantora e compositora, Marina Íris é considerada uma grande representante do samba nas novas gerações. Nascida e criada no Méier, gravou

seu primeiro álbum em 2014, "Marina Íris", contendo algumas canções autorais e também de grandes compositores, como Mário Lago, Moacyr Luz e Aldir Blanc. Em 2017, idealizou o projeto "É Preta", em um coletivo que dava protagonismo apenas à cantoras negras, e virou álbum. Depois disso ainda lançaria os discos "Rueira" (2018), "Voz Bandeira" (2019). Seu trabalho mais recente é "Virada" (2023), com participações de Lenine, Péricles, Diogo Nogueira e Moacyr Luz.



Divulgação

Antes de lançar o primeiro álbum, Luã já produzia álbuns de sua mãe, Elba Ramalho

gatar um pouco desse primeiro álbum, que tem uma sonoridade bem brasileira, mais alternativa, com imersão sonora experimental, com músicas diversificadas e dinâmicas. Composições es-

peciais, com mensagens fortes e profundas em suas letras, e outras inéditas experimentando pela primeira vez nesse palco. E fará também uma conexão com o último EP, "Avante", lançado em

junho deste ano com músicas em homenagem à filha Esmeralda, recém nascida, que traz uma sonoridade mais contemporânea, mais pop.

Além disso, prepara também um repertório para dividir com Elba com músicas como "Ainda Tenho Asas", essa de autoria dos dois, lançada no álbum dela, "Eu e Vocês", e mais alguns clássicos do seu repertório, que não podem faltar, em uma versão mais intimista. Estarão com ele no palco Gabriel Barreto (bateria), Haroldo eiras (baixo) e Marcos Silva (guitarra), além do sanfoneiro Rafael Meninão para acompanhar Elba em seus clássicos.

SERVIÇO

LUÃ YVYS

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese)

22/11, às 21h

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)



Pedro Curi/Divulgação

Marina Íris faz do samba instrumento de sua luta

Formada em letras pela Universidade do Estado do Rio (UERJ), Marina foi professora estadual e conheceu, na graduação, "a parceira de luta" Manu da Cuíca, uma de suas parceiras mais frequentes. Engajada, ativista LGBTQIA+, costuma definir sua opção pelo samba como um gesto de resistência. Em 2019, interpretou o samba-enredo "História pra Ninar Gente Grande", da Mangueira, vencedora do

carnaval, em uma sessão solene em homenagem à vereadora assassinada Marielle Franco, de quem era amiga, realizada no plenário da Câmara dos Deputados, em Brasília.

Cantora, compositora e instrumentista, em seus mais de 50 anos de carreira, Beth Carvalho contribuiu para o crescimento e difusão do samba no Brasil e no mundo, divulgando o ritmo e eternizando canções. É conhecida como 'Ma-

drinha do Samba' por ter revelado diversos talentos, dentre eles, nomes como Zeca Pagodinho e Grupo Fundo de Quintal. Beth Carvalho foi responsável por trazer nova sonoridade ao ritmo, com a inclusão de novos instrumentos como banjo, repique de mão e tantan. Conquistou prêmios, revelou talentos e se tornou inspiração para gerações que vieram e ainda estão por vir.

Com cinco edições lançadas, o projeto Sambabook já homenageou artistas consagrados do gênero como João Nogueira, Martinho da Vila, Zeca Pagodinho, Dona Ivone Lara e Jorge Aragão.

SERVIÇO

SAMBABOOK BETH CARVALHO COM MARINA ÍRIS E BANDA DA MADRINHA

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)

22/11, às 20h

Ingressos a partir de R\$ 33

CORREIO CULTURAL

Sara Bentes explora os limites do som



Divulgação

Yargi é exibida na HBO Max e na Amazon Prime

Novela turca desbanca 'Pantanal' no Emmy

A Academia Internacional das Artes e Ciências Televisivas premiou, em um evento em Nova York, na noite de segunda-feira (20), os vencedores do Emmy Internacional 2023, considerado o Oscar da televisão.

Foram 56 indicados selecionados para 14 categorias, abrangendo 20 países. "A Ponte - The Bridge Brasil" foi

a única produção brasileira premiada vencendo a categoria melhor reality show.

Ao todo, o Brasil teve seis indicações, em cinco categorias, mas não venceu nenhuma. "Pantanal" e "Cara e Coragem", da TV Globo, foram desbancadas pela produção turca "Yargi: Segredos de Família", na categoria melhor telenovela.

Renovações

Publicamente críticos à linha editorial do jornalismo da Globo, Cassia Kis e Carlos Vereza são dois dos poucos atores com contrato fixo com a emissora. Mesmo em tempos de cortes, ambos tiveram seus vínculos prorrogados recentemente.

Em queda

As ações da Time For Fun, responsável pelo show de Taylor Swift no Brasil, encerraram as negociações desta segunda-feira (20) com queda de 9,6%, a R\$ 2,06. A empresa vem sendo duramente criticada pela organização do show da cantora no Rio.

O que é justo

A ministra da Cultura, Margaret Menezes, defendeu no Roda Viva (TV Cultura) de segunda-feira a regulamentação das plataformas de streaming no Brasil: "O Brasil é um dos países que mais da retorno às plataformas. Queremos remuneração justa".

Obstáculos ao amor

Renato Nogueira é o convidado do CCBB Educativo - Lugares de Culturas nesta quinta-feira (23), às 17h30, na Biblioteca do CCBB Rio, em comemoração ao Mês da Consciência Negra. Sua palestra tem o tema "O que nos impede de Amar?".



Lucas Lopes/Divulgação

O Som do Invisível reúne músicos com deficiência visual

Cantora e compositor com deficiência visual lidera o projeto O Som do Invisível que reúne músicos na mesma condição

Celebrando a diversidade e valorizando a inclusão, a cantora e compositora Sara Bentes apresenta, no Teatro Ipanema, a temporada do show "Som do Invisível", com apresentações gratuitas às quartas e quintas até o dia 30. Artista com deficiência visual, Sara se junta neste projeto a outros músicos com a mesma condição: o diretor musical Luiz Otávio, além do baterista Johny Capler e do tecladista Vanderson Pereira, estes dois integrando a banda ao lado de Navalha Carrera (guitarra) e Marfa (contrabaixo).

O projeto "Som do Invisível" é uma produção de Palavra Z e Ja-

nelão, com patrocínio de Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Ministério da Cultura, Governo Federal Brasil União e Reconstrução.

Sara Bentes tem um extenso currículo como atriz, cantora, compositora e escritora. A ideia do show é celebrar a trajetória da artista e a heterogeneidade que está presente em suas composições. No repertório, Sara faz um apanhado da carreira e apresenta músicas autorais como "Pra te ver dançar", "Mergulhar", "Eu quero mais" e "Todo o amor que existe em mim".

"Queremos incentivar a transformação do mercado musical em um campo com maior inserção so-

cial e artística, provando a excelência técnica e estética, envolvendo pessoas com deficiência", diz o diretor de produção Bruno Mariozz.

Um dos elos com a banda é o fato de que parte dos artistas são pessoas com deficiência visual. Também os une a temática de boa parte das canções, que abordam as diferentes formas de ver e interagir com o mundo. "Essa é uma banda muito diversa e representativa. Além dos artistas com deficiência visual, temos representantes LGB-TQIAP+", diz Sara.

"Esse show, além de celebrar a diversidade e o gigantesco potencial humano, fala de tudo aquilo o que não podemos ver, mas sentir. Fala do essencial, dos desejos invisíveis que nos movem, das cores e texturas dos pensamentos e emoções que nos conectam, e tudo mais o que pode ser transformado em música essa linguagem universal maravilhosa e invisível aos olhos", conta a artista.

Cantora, compositora e atriz premiada internacionalmente, tendo feito shows e participações em festivais de arte nos Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Suécia, Turquia, Tailândia e Argentina. É muito conhecida nas comunidades brasileiras com deficiência, especialmente visual, por escrever músicas, peças teatrais e livros que promovem a inclusão social. Sara lançou dois álbuns solo "Invisível" (2015) e "Tudo o que me faz vibrar" (2018), com músicas autorais e parcerias, além do EP em inglês "Live what I live" e singles.

SERVIÇO

O SOM DO INVISÍVEL
Teatro Ipanema (Rua Prudente de Moraes, 824 - Ipanema)
Até 30/11, às quartas e quintas (20h) | Entrada gratuita (os ingressos podem ser retirados na bilheteria do teatro 1h antes do início do evento)

Um ensaio musical sobre a solidão

Trio liderado pelo contrabaixista Fernando Peters lança as três primeiras faixas do próximo álbum

“Serpentine”, “As Diferentes Velocidades da Passagem Do Tempo” e “Quietly Leaving” são as três primeiras faixas do terceiro álbum de Fernando Peters, que chegam à plataformas digitais nesta quarta-feira (22).

Músico, compositor, arranjador e produtor, Peters atua há mais de 30 anos no cenário brasileiro em inúmeras gravações e turnês de ar-

tistas diversos como Beбето Alves, Solon Fishbone, Humberto Gesinger, Fábio Mentz, Nico Nicolaiewsky, Cidadão Quem e Pedro Verissimo.

Aqui ao lado do baterista Júlio Falavigna e do pianista Leonardo Bittencourt, o contrabaixista assume a textura do piano trio, formato consagrado dentro do jazz, mas utiliza tal sonoridade para apresentar composições e estruturas que talvez remetam mais a música



Divulgação

Músico e produtor, Peters tem onga trajetória musical

popular (Tom Jobim, Astor Piazzolla, Elton John e as milongas do sul do continente) e a compositores eruditos que reinterpretaram suas raízes (como Eric Satie ou Heitor Villa-Lobos).

Batizado de “As Long as We’re

Pouring our Hearts Out, Let There Be Some Attempt of Beauty in Our Sadness”, o álbum é um ensaio sobre solidão e conexões, representadas no caráter melancólico das melodias, mas também nos ruídos e crescentes característicos do rock

e nos compassos compostos e polirrítmias costurados pela banda de forma orgânica num registro gravado ao vivo, quase sem ensaios. O disco será lançado por inteiro no início de 2024.

Leonardo Bittencourt é pianista e compositor. É formado em música popular pela UFRGS, e estudou performance e composição de jazz na Berklee College of Music, em Boston. Lançou os álbuns “Prospecto” (2015) e “A Margem” (2017) com a banda Marmota, e hoje integra o trio Atairu. Em 2015 recebeu o Prêmio Açorianos de Melhor Instrumentista.

Julio Falavigna é baterista e multi-percussionista com extensa carreira, trabalhando com artistas do porte de Nei Lisboa, Pedro Tagliani, Jane Duboc, Davi Moraes e, como tablista, nomes como G.S. Sachdev e Sri Hanuman. Também co-produziu quatro álbuns com a pianista e compositora Bianca Gismondi, com quem é casado, acompanhando-a em turnês no Brasil e exterior.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Estreando com letras

A banda gaúcha Trabalhos Espaciais Manuais celebra seus 10 anos de estrada com sua primeira faixa com vocais: “Prazerá”, parceria com as cantoras DiMelo e Livia Nery. A música fará parte do próximo álbum do grupo, “Ponto de Curva”, em fase de produção. A Trabalhos Espaciais Manuais une soul, MPB, jazz, tons de hip hop e momentos de uma poesia intimista. A banda é formada atualmente também por Cleômenes Junior, Gabriel Sacks, Pietro Duarte, Daniel Hartmann, Tomás Piccinini, Mateus Albornoz e Thayan Martins.

Afrovulto/Divulgação



Divulgação



Criação coletiva

O duo Dudalu e o cantor Renan Guerra unem forças com o produtor Mayam para cantar o desejo. O single “Te Vejo Melhor no Escuro” estreia nos serviços de streaming ao mesmo tempo que ganha um clipe no YouTube. “Foi uma experiência super bacana, nossa primeira vez num camp da composição. Aprendemos bastante, trocamos muitas figurinhas”, comemora o duo formado pelo casal Dani e Luiz, comentando a experiência de compor em parceria com outros autores, nos chamados song camps - concentrações criativas para criações coletivas.

Moyses Gonçalves/Divulgação



Quando o amor começa

Com histórico que passa pelo mercado da música e do audiovisual, Chuengue quer apresentar um verdadeiro cartão de visitas com o single e lyric video “O Nascimento do Universo”. O artista inaugura um capítulo inédito em sua carreira, explorando o instante inicial pelo que passa qualquer relacionamento afetivo. A canção é experimental e madura, inspirada na MPB e sonoridades psicodélicas. A faixa é o primeiro single do EP solo “Névoa-Nada”, que será lançado em 2024, e está disponível em todas as plataformas de música digital.

Teatro Imperial, a mais nova casa de espetáculos de Petrópolis, abre as portas nesta quarta-feira

Um espaço nobre

Fotos Divulgação

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O Teatro Santa Cecília, na cidade Imperial de Petrópolis, rebatizado como Teatro Imperial, passou por total revitalização e modernização para ser um espaço totalmente voltado para as artes e entretenimento. A promessa é de uma programação intensa e diversificada, atendendo a todos os públicos.

O show “Meus Caros Amigos” de Sabrina Korgut, estrela de musicais brasileiros, e também, uma das sócias do empreendimento será a voz da noite de inauguração da casa de espetáculos. Junto ao quinteto Doo Jazz Band, a artista reunirá um repertório eclético, do pop ao jazz, incluindo canções de alguns musicais que marcaram sua carreira.

Na mesma noite haverá a inauguração de dois grandes painéis artísticos que serão parte da decoração permanente do Imperial. Um painel produzido com técnicas como estêncil, pintura e grafitti pelo artista Luciano Cian, ficará no hall de entrada do espaço. O outro, uma pintura do artista petropolitano Marzio Fiorini, ficará localizado no foyer do teatro.

Haverá, ainda, o lançamento da exposição “Obras em Arte” do fotógrafo Ézio Philot, um dos principais nomes da fotografia petropolitana, que contará através de imagens capturadas durante a reforma, o processo de revitalização do Teatro Santa Cecília e sua transformação em Teatro Imperial. A galeria de arte está localizada no Mezanino do teatro e será permanente.

A programação do Teatro Imperial foi lançada e já demonstra potência em seu primeiro ato. O primeiro evento com vendas ao público será no dia 24 de novembro com a Orquestra Petrobrás Sinfônica apresentando o show “Na Trilha do Rock”, com clássicos da Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Titãs, entre outros, sob a regência do Maestro Felipe Prazeres.

No dia 2 de dezembro será a vez de



Paulo Lopez e Sabrina Korgut idealizaram a reforma do antigo Teatro Santa Cecília, rebatizado como Teatro Imperial, no centro de Petrópolis

Tom Cavalcante fazer a alegria do público com o show “O Tom Tá On”. No dia 21 de dezembro haverá dois espetáculos: o primeiro, às 17h, será “Clássicos Encantados de Natal” um musical cantado ao vivo reunindo o universo de príncipes, princesas, envoltos por magia e muita música, com a inesperada visita do papai Noel.

Fechando a agenda 2023, o show “Amazing Tenors Christmas Concert”, com Henrique Moretsohon, Murilo Trajano, Paulo Paolilo e orquestra, ao vivo, no dia 21, cantando os clássicos mundiais natalinos e também as canções de sucesso do astro Andrea Bocelli. Todos os espetáculos estão com vendas abertas no site da Ingresso Digital.

A revitalização do antigo Teatro Santa Cecília e sua transformação no Teatro Imperial é uma iniciativa da Natureza Produções, que tem como sócios o Gestor Cultural Paulo Lopez e Sabrina Korgut. O investimento feito pela empresa foi de R\$ 1,5 milhão.

“O Teatro Imperial será um espaço de pluralidade artística, unindo música, teatro, dança, artes visuais, entre outras expressões, com o objetivo de atrair os mais diversos públicos e espetáculos produzidos no Brasil”, destaca Sabrina Korgut.

“Esse projeto tem como objetivos a revitalização estética e a preservação das características arquitetônicas do espaço, a modernização da caixa cênica, a adequação às normas de segurança e acessibilidade do teatro, assim como potencializar a marca Petrópolis na rota da cultura nacional, tornando o Teatro Imperial uma referência em arte, cultura e entretenimento no estado do Rio, apresentando uma programação plural, com espetáculos de destaque e artistas reconhecidos”, promete Paulo Lopez.

A fim de contribuir com essas ações, o lançamento do Teatro Imperial incentivará um olhar para toda a região fluminense e seu interior, reforçando o fomento de políticas e recursos destinados à cultura para além da capital, valorizando as manifestações culturais locais, a democratização de acesso, a formação de novas plateias e a circulação de produções artísticas pelo Estado do Rio.

SERVIÇO

TEATRO IMPERIAL

Rua Marechal Deodoro, 192 - Centro, Petrópolis

Programação: @teatroimperial

Vendas: <https://www.ingressodigital.com/teatroimperial>

O livro “Necrochorume e outros contos” de João Ximenes Braga, um dos mais importantes escritores da televisão brasileira, norteia a peça “Gente de Bem”, da Cia. Comparsaria Teatral e traz, pela primeira vez, um texto do autor para o teatro. São seis histórias curtas retiradas literalmente da publicação de 2021 que retrata personagens e situações típicas da classe média branca brasileira.

O resultado mostra crônicas de nossa época, escritas a quente, como apontamentos sobre absurdos registrados pelo autor no dia a dia, seja observando situações, diálogos, atitudes, o preconceito, os atavismos, o racismo, a homofobia e o conservadorismo das pessoas. No elenco, além da diretora Adriana Maia, que também é atriz, mais 12 atores.

“Quando vi um ensaio de ‘Gente de bem’, fiquei surpreso com a teatralidade e o humor que a companhia descobriu nessa prosa. Os dois contos que fecham o espetáculo, porém, me deixaram apavorado. A companhia

Crônicas escritas a sangue quente

Em cartaz no CCBB, ‘Gente de Bem’ reúne escritos por João Ximenes Braga sobre a classe média branca brasileira

Bel Pedrosa/Divulgação



‘Gente de Bem’ revela crônicas de nossa época, sob o olhar crítico de Ximenes Braga

Um vilã viajando através do tempo

Monólogo especula sobre como Lady Macbeth seria nos dias de hoje

Como seria se Lady Macbeth, personagem icônica criada pelo dramaturgo inglês William Shakespeare, atravessasse os séculos e aportasse antropofagicamente no Brasil contemporâneo? Esse é ponto de partida de “O Som e a Fúria de Lady Macbeth”, comédia que faz curtíssima temporada na sede da Cia. dos Atores, na Lapa, desta sexta-feira (24) a 3 de dezembro.

Com direção de Diogo Camargos, o monólogo aborda com humor sarcástico e debochado

questões essenciais da nossa condição humana, como poder, ambição desmedida e maldade. Trata-se do primeiro texto da atriz e produtora Cristina Mayrink, que encarna a vilã tragicômica que atravessa os séculos desde a Idade Média e aportando antropofagicamente no Brasil de hoje, ao som de “O Guarani”, de Carlos Gomes, com a batida em ritmo de samba.

Ela agrega uma multiplicidade de signos, metáforas e símbolos que se entremeiam como num au-



Cristina Mayrink encarna a vilã shakespeariana em monólogo irônico dirigido por Diogo Camargos

têntico quebra-cabeça de infinitas possibilidades. Na sua verborragia e barroquice, escancara suas verdades e dialoga com seus fantasmas, confrontando o público com suas ambiguidades: “O belo é podre e o podre é belo”.

“A peça mistura a fúria de Zé

Celso e Antônio Abujamra com as aspirações anarquistas de Antonin Artaud e pigmentos de Tom Stoppard. A temática é universal e atemporal, ajustando-se particularmente aos dias de hoje, com o ressurgimento das arbitrariedades fascistas, a corrupção e as guerras

lhes trouxe tamanha virulência que eu não conseguia deixar de pensar que, em outros tempos, toda a trupe seria presa logo na noite de estreia”, compara João Ximenes Braga.

“As histórias de Ximenes nos obrigam a olhar a sordidez humana sob o ponto de vista do opressor, e é preciso encarar esse opressor, só assim encontraremos caminhos possíveis para desconstruir a branquitude”, observa Adriana Maia.

A diretora aposta na performance do ator-narrador - um recurso cênico do teatro épico contemporâneo, que permite ao ator transitar entre o ato de narrar e o jogo da representação, assumindo por vezes a função de personagem-narrador, e outras vezes de narrador-personagem.

SERVIÇO

GENTE DE BEM

CCBB - Teatro III (Rua Primeiro de Março, 66)

Até 18/12, sexta, sábado e segunda (19h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Divulgação

que estão assolando o mundo”, explica Cristina Mayrink.

O espetáculo estreou em novembro de 2022 no Festival de Monólogos no Teatro Glauco Gill, onde fez temporada de um mês elogiada por público e críticos, como Wagner Correa de Araújo, Fúrio Lonza e Gilberto Bartholo, ganhando o Selo de Qualidade O Teatro Me Representa.

A segunda temporada aconteceu em janeiro e fevereiro deste ano no mesmo teatro, participando do Festival de Verão. Em julho, chegou ao palco do Teatro Vannucci, no Shopping da Gávea.

SERVIÇO

O SOM E A FÚRIA DE LADY MACBETH

Sede Cia. dos Atores

(Rua Manoel Carneiro, 12, Escadaria Selarón, Lapa)

De 24/11 a 3/12, sexta-feira e sábado (20h) e domingo (19h)

Entrada: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Paraty respira literatura

Fotos Divulgação Flip



A 23ª edição da Flip começa nesta quarta-feira e vai até domingo

Com show dedicado a Patrícia Galvão, a Pagu, Adriana Calcanhotto se apresenta em praça pública nesta quarta

Em 2023, uma importante tradição da Festa Literária Internacional de Paraty será restabelecida. Nesta quarta-feira (22), ao fim da primeira mesa do programa principal com os autores Adriana Armony e David Jackson, às 21h, Adriana Calcanhotto se apresenta no Auditório da Praça. A cantora convida Cid Campos, seu parceiro musical de longa data, para uma apresentação que celebra a autora Patrícia Galvão, a Pagu (1910-1962) e também Augusto de Campos (1931-1994). O show terá projeção de imagens e vídeos concebidos por Omar Salomão e Emílio Rangel. Filho de Augusto, Cid Campos é responsável por musicar diversos de seus poemas e traduções, alguns deles contidos na nova antologia “Viva Vaia” que a Ateliê Editorial publica durante a festa.

A ideia é conectar o espírito de diversas mulheres que simbolizaram rupturas inconformadas e indóceis com sua época - entre elas, até mesmo a americana Emily Dickin-

son, traduzida por Augusto de Campos em poemas musicados por Cid. “São interligações entre diversas mulheres que me formaram, das quais eu sou uma espécie de elo”, afirma Calcanhotto.

A cantora, que tem um lado acadêmico afluído e vem de uma temporada como professora na Universidade de Coimbra, em Portugal, foi convidada pela curadoria da Flip para pensar um repertório especial para o show.

Calcanhotto lembra que entrou em contato com a obra de Pagu e Campos ao mesmo tempo - ele realizou uma espécie de biografia bastante aclamada da autora há cerca de duas décadas. Foi um desdobramento do interesse pelo modernismo que caracteriza boa parte de sua obra como compositora. “Era como se um homem tivesse dado luz a ela para mim.”

Daí a conexão com um show que, de forma similar, usará palavras de Pagu para exaltar e invocar sua presença - Cid Campos também musicou alguns dos poemas da artista, que se aproximam do estilo de Augusto em sua forma compacta. “Ela hoje está numa posição protagonista, não mais como musa, mas como a criadora revolucionária que foi”, afirma ele.

Era uma artista tão multifacetada, nas palavras de Calcanhotto, a ponto de “cada um ter a sua própria Pagu”. A música escrita por Rita Lee e Zélia Duncan, que a cantora incorpora no repertório da abertura, espelha como Patrícia Galvão era mesmo um prisma de personalidades e manifestações artísticas -

Adriana Calcanhotto destaca que conheceu Pagu por intermédio de Augusto de Campos: ‘Era como se um homem tivesse dado luz a ela para mim’

basta ver com quantos nomes diferentes ela assinava seus textos.

A apresentação de Calcanhotto, segundo a professora e pesquisadora Milena Britto, evidencia a razão de ser da proposta curatorial desse ano - uma demonstração de como Pagu deixou suas digitais na cultura como um todo e numa postura própria diante do mundo.

Além do show de abertura e das 20 mesas literárias, a programação principal será composta por oito performances artísticas, cada uma delas concebida ou adaptada para criar um diálogo vivo com o conceito e as discussões da 21ª edição da Festa.

Nesta quinta-feira, a cantora e compositora Juliana Perdigão apresenta Folhuda, show composto por canções autorais, feitas a partir de textos de poetas brasileiros. No fim do dia, às 22h, o Auditório da Praça será palco de O céu em meu eco, da poeta-palindromista e compositora Marina Wisnik.

Na sexta-feira, às 13h15, acontece Aquenda - o amor às vezes é isso, de Luna Vitrolira, performance do livro homônimo, finalista do Prêmio Jabuti em 2019, e que alçou a multiartista como uma importante voz da poesia pernambucana. Às 22h, a poeta e performer Natasha Felix convida o DJ Joss

Dee para Apupú - onde os corpos vibram, uma apresentação na qual o poema falado habita a pista e passa a fazer parte do set musical, trazendo versos que investigam a noção de fuga criativa e a vitalidade.

Às 13h15 do sábado, 25 de novembro, Cid Campos apresenta o show Poesia é risco, composto por parcerias de Cid Campos com seu pai. Às 20h30, A guerra do absurdo não tem fim, de Débora Arruda, ocupa o Auditório com seus poemas-rituais que jogam luz sobre a construção da identidade indígena. Logo em seguida, às 21h30, Nelson Maca apresenta Tamborismo: poesia & tambor, uma vívida investigação sobre o ritmo da língua e do corpo, acompanhada pelo couro dos tambores e pelos efeitos da percussão afro-diaspórica.

No domingo, 26 de novembro, o último dia da Flip, Iara Rennó apresenta, às 13h15, a performance Rio sangue, em versão especialmente adaptada à Flip, baseada em textos de Pagu e alguns de seus contemporâneos.

SERVIÇO

FLIP - FESTA LITERÁRIA DE PARATY
De 22 a 26/11
Programação completa: <https://www.flip.org.br/programacao-flip-2023>

Leo Aversa/Divulgação